



A disciplina interdisciplinar: uma análise de 31 programas universitários de ensino de Teoria da Comunicação¹

Luís Mauro Sá MARTINO²
Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, SP

Resumo:

Este artigo examina trinta e um programas de ensino de Teoria da Comunicação de todo o Brasil com o objetivo de delinear quais são os principais autores e teorias ensinadas na disciplina. A partir da comparação de ementas e bibliografias, foi possível destacar três aspectos: 1. Não há consenso sobre os conteúdos da disciplina: apenas cinco tópicos (Escola de Frankfurt, Pesquisas Norte-Americanas, Semiótica, Estudos Culturais e McLuhan) de cento e onze possíveis estão em mais de dez programas. 2. A coincidência máxima entre os livros citados na bibliografia é de 26,68% dos títulos, e nenhum livro está em todos os programas; 3. Os tópicos dos lecionados sob a rubrica “Teoria da Comunicação” são originários de diversas áreas do saber, da matemática à história. O texto busca relacionar essa falta de consenso nos programas de ensino com problemas epistemológicos da área de Comunicação.

Palavras-chave: Epistemologia; Ensino; Teoria da Comunicação; Universidade

Qual “teoria da comunicação” está sendo levada para as salas de aula? Diante de alunos que, durante as aulas, estão conectados com o mundo via laptop, quais ideias são apresentadas? Ou diante de estudantes que lutam com dificuldade para pagar as mensalidades de instituições particulares, o que se leciona sob esse nome? Quais são os conteúdos lecionados na disciplina “Teoria (ou “Teorias”) da Comunicação”? A abordagem, aqui, será a partir da análise dos programas de ensino da disciplina em 31 cursos superiores do Brasil.

A inquietação na origem deste texto é provocada por um problema prático: na hora de montar um programa de ensino, como decidir o que é uma teoria “da comunicação”? Algum tipo de convicção, ainda que fluida, do que é “comunicação”, seus limites teóricos e epistemológicos, precisa ser utilizada. A prática de sala de aula foi a primeira motivação deste trabalho, e as questões propostas aos programas

¹ Trabalho apresentado no DT 8 – Estudos Interdisciplinares do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 12 a 14 de maio de 2011.

² Doutor em Ciências Sociais pela PUC – SP. Professor do PPG em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero. Email: lmsmartino@gmail.com



analisados são as mesmas que se colocam a cada início de ano ou semestre letivo; não se trata, portanto, de observar o campo *de fora*, mas de dentro, como participante motivado pelas mesmas questões. Na leitura e análise dos programas de ensino proposta neste texto procura-se um diálogo, buscando mais compartilhar dúvidas e comparar caminhos do que oferecer uma resposta.

A sala de aula coloca desafios práticos à Epistemologia da Comunicação no momento em que ela, de certa forma, se objetiva no corpo de conteúdos da disciplina “Teoria da Comunicação”. Se os problemas epistemológicos da comunicação ocupam um largo espaço nas discussões da área, é possível notar menos preocupação com algumas questões epistemológicas envolvidas no ensino dessa disciplina.

Como lembra Lovisolo (2002:02), a decisão a respeito do que deve ou não constar da formação dos participantes de uma área expressa o “grau de acordo, epistemológico e teórico” existente nesse espaço. Ou, nas palavras de Russi-Duarte (2010:2), “o processo teórico e os métodos não são autônomos e sim escolhas valorativas do pesquisador e, para isso, deve compreender no cenário intelectual no qual se encontra”.

Vale também ressaltar que o tema vem ganhando espaço nas discussões acadêmicas – seria possível citar o recente *Teorias da comunicação: trajetórias investigativas*, que apresenta os primeiros resultados de um projeto de pesquisa desenvolvido no âmbito do Procad/Capes no mapeamento do ensino de teoria da comunicação (Ferreira *et alli*, 2010).

O objetivo deste trabalho é delinear algumas dessas questões epistemológicas a partir do exame dos programas de ensino de Teoria da Comunicação de trinta e um cursos de graduação do país. Não há aqui a pretensão de uma resposta completa, mas de mostrar algumas das linhas seguidas pelos cursos. A escolha desses programas obedeceu a um critério de abrangência espacial, somado à disponibilidade para consulta.

Foram estudados os programas das seguintes instituições:

ECA – USP	UFPR - Universidade Federal do Paraná
FACITEC - Faculdade de Ciências Sociais e Tecnológicas	UFS - Universidade Federal de Sergipe
Faculdade Estácio de Sá de Santa Catarina	UFSJ - Universidade Federal de São João del-Rei
FAIMI – União das escolas do grupo FAIMI - Mirassol	UFMS - Universidade Federal de Santa Maria
FDJ - Faculdade 2 de Julho	UFU - Universidade Federal de Uberlândia
FIB – Centro Universitário da Bahia	UNAERP - Universidade de Ribeirão Preto
UCG - Universidade Católica de Goiás	UnB – Universidade de Brasília
UCS - Universidade de Caxias do Sul	UnC - Universidade do Contestado
UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro	UNEF - Unidade de Ensino Superior de Feira de Santana
UFBA - Universidade Federal da Bahia	UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas
UFC - Universidade Federal do Ceará	UNIDERP - Universidade Anhanguera
UFG - Universidade Federal de Goiás	UNIFAE - Faculdades Associadas de Ensino
UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais	UNIFOR - Universidade de Fortaleza
UFPA - Universidade Federal do Pará	UNIFRA - Centro Universitário Franciscano
UFPE - Universidade Federal de Pernambuco	UTP - Universidade Tuiuti do Paraná



Foram comparadas as ementas, os itens dos conteúdos programáticos e as bibliografias, geral e específica, para delinear, a partir da coincidência/divergência entre os temas, os saberes ensinados sob o nome “Teoria da Comunicação”. O objetivo não é avaliar a qualidade dos programas ou legislar sobre o que deve ser ensinado, mas observar os elementos ensinados e pensar nas questões epistemológicas subjacentes a essas escolhas.

Vale lembrar que não se pode tomar o que é explicitado nos programas como um retrato do que é efetivamente ensinado em sala de aula. A presença de uma autora na bibliografia, por exemplo, não permite inferir qual é o tratamento dado a ela pelo professor em sala de aula. Os programas de ensino, aqui, são tomados como indicações a partir das qual se pode delinear questões epistemológicas, não como um mapa ou retrato da prática em sala de aula.

1. O lugar da disciplina nos cursos de Comunicação

Matéria obrigatória nos cursos de Comunicação desde a regulamentação dos cursos (Lins da Silva, 1978), Teoria da Comunicação apresenta-se como uma disciplina de fronteiras móveis, na qual saberes de várias áreas são agrupados em torno de objetos e temas nem sempre consensuais. O que é “Teoria da Comunicação” em uma universidade pode não ser em outra, e é possível dizer que essa indefinição de alguma maneira talvez esteja ligada aos problemas epistemológicos da área desde sua consolidação como ensino superior (Martino, L.M., 2009; 2010). Seria possível encontrar uma ressonância desses problemas no conteúdo dos programas examinados – por exemplo, a questão do objeto de estudos e da interdisciplinaridade (França, 2001; Barbosa, 2002).

O campo da comunicação parece ser suficientemente elástico para compreender uma gama de objetos nos quais o caráter especificamente “comunicacional” pode ser detectado com mais ou menos facilidade. Vale perguntar também, de saída, o quanto a detecção desse caráter “comunicacional” não está ligada à concepção que se tem das implicações metodológicas da “comunicação”.

Aos olhos dos alunos, os elementos agrupados sob aquela rubrica específica tendem a ser vistos, pelo aluno de graduação, como “o” saber esperado (Santos, 2005). Sem dispor necessariamente de um repertório conceitual para questionar se aqueles saberes são, de fato, “Teoria da comunicação”, alunos de graduação podem intuir a



questão a respeito das fronteiras disciplinares, mas nem sempre terão como formular uma dúvida epistemológica sobre a apresentação dos conteúdos *x* ou *y* sob esse nome.

Seria o caso de lembrar que os cursos de Comunicação referem-se, de fato, a habilitações dentro de um corpo de saberes técnicos – Jornalismo, Publicidade & Propaganda, Relações Públicas, Rádio & TV, Editoração, etc. Essa característica se relaciona com um problema apontado por Venício Lima (1983; 1991) décadas atrás sobre uma “crise de identidade” dos cursos de Comunicação ainda presente. Trata-se de uma dicotomia que, de alguma forma, reflete a estruturação do curso em torno de demandas de mercado (Ferreira et alli, 2010:15) oscilando entre um saber humanístico e um saber técnico que divide os cursos em troncos de disciplinas teóricas e práticas.

A disciplina “Teoria da Comunicação” está ao lado de outras que não deixam de ser estudos teóricos da Comunicação, aumentando a possibilidade de confusão a respeito da especificidade dessa disciplina. Nesse sentido, Pinheiro *et alli* (2006), pesquisando a assimilação da disciplina “Teorias da Comunicação” entre estudantes da Universidade Estadual do Piauí, mostram uma ambiguidade: os alunos reconhecem a importância da disciplina, mas ressentem-se das dificuldades do tema e da falta de referenciais para compreendê-lo.

A formação de um corpo doutrinário significa o estabelecimento, mais ou menos consensual, das falas legítimas, dos autores que serão acatados como passíveis de discussão, bem como os que, por diversos motivos, serão apartados de qualquer tipo de referência. No mesmo sentido, explica Bonin (2005:63) que não se pode deixar de levar em conta “a relação constitutiva entre teoria e pesquisa, o papel da pesquisa na confrontação sistemática das proposições explicativas com os fatos comunicacionais empíricos”. Como reforça Temer (2007:3), “o primeiro passo para uma proposta fundamentada de ensino-aprendizado das Teorias da Comunicação é a compreensão da base epistemológica que determina as diferentes origens destes estudos”.

Nesse caso, a pergunta deste texto poderia ser resumida em uma frase: qual é o discurso epistemológico de “Teoria da Comunicação”, tal como definida por sua prática em sala de aula nos cursos de graduação? A resposta será delineada, em primeiro lugar, pela observação das ementas e tópicos referentes aos conteúdos e, na sequência, com o exame da bibliografia.

2. Entre o cânone mínimo e a dispersão teórica: tópicos dos programas de ensino



A maior parte dos programas estudados aborda o tema a partir de “escolas teóricas” ou de referências teóricas específicas – por exemplo, entre “Cultura de Massa” e “Escola de Frankfurt” ou pesquisas sobre técnica/tecnologia e McLuhan. A discussão propriamente epistemológica a respeito da comunicação parece estar ausente da maior parte deles – apenas 13 dos 31 programas dedicam algum espaço ao tema. O enfoque por teorias ou escolas, predominante, reserva pouco espaço às discussões sobre objeto, teoria e métodos da comunicação. O assunto está confinado ao início ou ao final dos cursos, restrito a um ponto ou dois do programa.

É o caso de questionar se o aluno em um primeiro semestre de graduação estaria pronto para o mergulho em questões mais complexas, objeto de dissenso mesmo entre os pesquisadores da área. No entanto, talvez essa discussão pudesse servir de partida para explicar as diferentes concepções de comunicação apresentadas e trabalhadas pelas diversas escolas ou métodos.

Um limite da análise dos programas refere-se à impossibilidade de saber, efetivamente, quais são as discussões epistemológicas agrupadas sob essas rubricas. No entanto, é possível mencionar uma preocupação, em primeiro lugar, com o objeto (UnC, Uniderp, UCG e UFG) e com as relações entre Comunicação e outras ciências sociais (UFS, Unifra, UFSJ, UFPA, UFG, UCG).

A UFPA e a Universidade Católica de Goiás contemplam uma variada gama de questões epistemológicas referentes à interdisciplinaridade, objeto e método da comunicação. Vale notar também, como caso isolado, uma preocupação da UFC em discutir a diferença entre “Teorias da Comunicação” e “Teorias da Comunicação de Massa” como tópicos do programa.

Escolas e teorias da comunicação

Dentre os programas que optam por uma divisão por teorias ou escolas, nota-se uma predominância das teorias da comunicação desenvolvidas em meados do século XX. Seria possível falar mesmo em um “cânone mínimo” ou um “núcleo temático” de temas oriundos de fontes epistemológicas diversas.

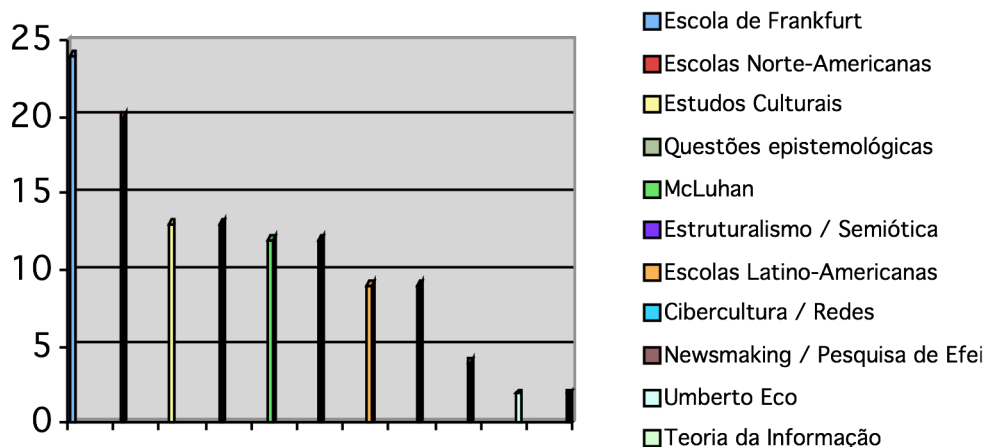
Esses saberes seriam representados pelos temas com maior número de menções entre os programas observados – a pesquisa norte-americana em comunicação, em suas várias denominações (*mass communication research*, escola norte-americana,

funcionalismo), seguido da Escola de Frankfurt, mencionada também como “Indústria Cultural” ou “Teoria Crítica”, e a obra de Marshall McLuhan. Pode-se notar, assim, o predomínio quantitativo de teorias criadas há mais de cinquenta anos.

Se existe um cânone na teoria da comunicação ensinada, ele é constituído por um duplo eixo formado pela Escola de Frankfurt, Estudos Norte-Americanos e McLuhan, aos quais se juntam de maneira tímida os Estudos Culturais. Apenas esses quatro tópicos, de um total de 101 possíveis, são encontrados em mais da metade dos programas analisados – um total de 2,43%. Do total de 101 tópicos incluídos nos 31 programas, onze estão presentes em mais de um.

O gráfico permite uma dimensionar o fato:

Gráfico 1: Principais autores e escolas teóricas mencionados nos programas



À primeira vista, a composição dos programas pode parecer muito semelhante, sobretudo no que diz respeito aos cinco eixos identificados – Escola de Frankfurt, Funcionalismo Norte-Americano, Estudos Culturais, Estruturalismo e Marshall McLuhan.

O desafio epistemológico, no entanto, não parece residir no consenso, mas na dissonância entre os outros tópicos. A quantidade de tópicos presentes em um único programa aponta para a falta de consenso entre os tópicos e conteúdos dos programas. O grau de coincidência a respeito do que é Teoria da Comunicação é de apenas 10.89%, deixando um espaço de 89.11% de diversidade.

Nota-se, espalhadas pelos programas, duas perspectivas divergentes a respeito do objeto da comunicação. De um lado, o foco nos meios de comunicação; de outro,

uma visão que compreende a comunicação como processo social interacional. Essa dicotomia, como explica Felinto (2007:43), reflete uma discussão presente nos debates epistemológicos, a respeito da constituição de um objeto da Comunicação, pensado como estudo da “comunicação tecnologicamente mediada” (Albuquerque, 2002:30) ou como o estudo das relações humanas (Moragas Spa, 1997:28).

Os programas analisados parecem combinar essas duas perspectivas quando pensados em sua totalidade. Essa diversidade nos tópicos das ementas é acompanhada de perto pela dispersão que pode ser encontrada nas bibliografias, como será visto no próximo item.

3. Uma disciplina ou várias? Dispersão disciplinar e elasticidade do campo

A presença de um cânone mínimo e da dispersão epistemológica também pode ser observada na bibliografia. Os programas de ensino mencionam um total de 224 autores, dos quais pouco mais da metade, 135, ganha uma única citação. Nota-se, nos autores presentes em mais de cinco programas de ensino, uma predominância dos livros-textos.

Tabela 01: Distribuição de autores presentes em mais de cinco programas

Em mais de 10 programas	Sete a nove programas	Cinco e seis programas
Mauro Wolf (21) Armand Mattelart (20) Umberto Eco (19) Lúcia Santaella (16) Luiz Costa Lima (15) Antonio Hohfeldt <i>et alli</i> (13) Marshall McLuhan (12) Melvin DeFleur & Sandra Ball-Rokeach (12)	Lucien Sfez (09) Francisco Rüdiger (9) Jesus Martin-Barbero (9) Gabriel Cohn (9) John B. Thompson (8) Ciro Marcondes Filho (8) Roland Barthes (8) Edgar Morin (7) Pedro Gilberto Gomes (7) José Marques de Melo (7) David K. Berlo (7) Theodor Adorno & Max Horkheimer (7)	Adriano Duarte Rodrigues (6) Pierre Levy (6) Teixeira Coelho (6) Daniel Bounoux (6) Jean Baudrillard (6) Paul Watzlawick (5) Eliseo Verón (5) Ilana Politschuk & Aluizio Trinta (5) Juan Diaz Bordenave (5) Luiz Beltrão (5)

Os autores mais citados, Mauro Wolf e Armand & Michelle Mattelart, não estão presentes com estudos originais de Comunicação, mas por seus livros-texto. O mesmo poderia ser dito a respeito do livro de Luiz Costa Lima, *Teoria da Cultura de Massa*, presente em 15 programas, ou de *Comunicação e Indústria Cultural*, de Gabriel Cohn, em nove. Embora seja a escola teórica mais presente nos programas, os autores da Escola de Frankfurt não estão entre os mais citados: Adorno e Horkheimer aparecem diretamente em apenas sete programas. Não há nem um único autor que seja



considerado como apto a figurar na bibliografia de “Teoria da Comunicação” em todos os programas.

Em primeiro lugar, nota-se uma concentração de autores efetivamente empenhados no desenvolvimento de reflexões sobre a comunicação humana em seus vários aspectos, mas guardando uma perspectiva da centralidade dos processos de comunicação, mediados eletronicamente ou não.

Nota-se que há uma espécie de formação do desenho do campo, ao menos no que se torna visível pela interpretação da bibliografia: os livros mais citados em Teoria da Comunicação parecem se dividir em (a) livros sobre os meios de comunicação e suas relações com as dimensões sociais, políticas e psicológicas do humano; (b) livros sobre o humano explicado a partir de sua perspectiva comunicacional; (c) uma abordagem das interações humanas, mediada eletronicamente ou não, explicadas como processos semióticos de comunicação. Parece persistir, assim, uma certa dualidade, apontada por vários autores (Ferreira, 2007; Braga, 2004; 2010; Martino, L.C., 2008; Martino, L. M., 2008; 2010) a respeito do que é o objeto da comunicação, se são os meios de comunicação eletrônicos ou as interações humanas.

Analisando o conjunto de autores citados em mais de um programa, é possível ter uma dimensão da elasticidade epistemológica do campo da Comunicação. A origem doutrinária dos autores ainda aponta para a predominância de ligações com outras áreas das humanidades, e é a partir daí que se pode observar em contornos talvez um pouco mais nítidos a “elasticidade” mencionada.

De um lado, nota-se a predominância das temáticas que contemplam, em algum momento, a centralidade dos meios de comunicação ou de aspectos culturais ligados a eles – seria o caso, por exemplo, das obras de Morin, Baudrillard ou Maffesolli que, em algum momento, discutem mídia. No entanto, talvez não esteja claro na mesma medida, por exemplo, a presença de autores como Geertz ou Hjelmslev: não se estaria aí no limite da Antropologia ou da Linguística? Se essas abordagens, temáticas e objetos constituem elemento de discussão em “Teoria da Comunicação”, quais seriam os critérios epistemológicos para definir os contornos da disciplina e da área?

Conforme se avança na observação dos autores citados, a aparente organização dos programas em torno dos eixos mencionados vai se tornando mais difusa, sugerindo com mais força a ausência de contornos nítidos do campo. Quando se passa à observação dos autores e obras citados por um único programa é possível perceber a quantidade de domínios, áreas e temas sancionados pela rubrica “Teoria da



Comunicação”. Seria o caso de compreender a presença dessas obras como um recurso interdisciplinar ou como um indício de fraqueza epistemológica do campo?

De certo modo, a transformação de uma área do saber em uma disciplina específica é uma maneira de aglutinar poderes e forças em torno de um grupo de discussões comuns. Assim, como recorda Bourdieu (2008), o conhecimento alocado sob o domínio de um método específico garante o monopólio dos discursos e das práticas derivadas ao grupo reconhecido como representante dessa disciplina ou socialmente autorizado a falar em seu nome.

Há, pois, uma extensão enorme de fenômenos associados à palavra comunicação. Isso, se por um lado, tem como aspecto positivo desqualificar a idéia de disciplinaridade, por outro lado cria uma dependência de outros saberes, o que foi historicamente um dos maiores entraves à própria autonomização do campo (Barbosa, 2002:74).

Essa pluralidade leva a “questionar a necessidade de um ‘local próprio’ à comunicação, enquanto uma disciplina insular que seleciona uma única dimensão do real em detrimento da complexidade deste” (Santos, 2005:163).

A idéia de interdisciplinaridade e o esforço para sua adesão, no dizer de Luiz Martino, é o “testemunho paradoxal tanto da sobrevivência quanto da superação de um problema que estranhamente resta pouco abordado, senão intacto: o problema da definição do objeto de estudo dessa disciplina” (2001:78). Na mesma linha, Everardo Rocha (1995:54) aponta um paradoxo similar ao apresentar a perspectiva interdisciplinar como um “complicador transparente” nos estudos de comunicação.

Mais ainda, seriam essas teorias específicas “teorias da comunicação”? Seria o caso de pensar na advertência de Martino (2005) a respeito do tema, quando afirma que “acompanhando esta tendência interdisciplinar, as teorias da comunicação, deveriam abarcar e talvez coincidir com o conjunto das teorias das ciências do homem, ou qualquer coisa próxima disso”? Isso implica reservar um espaço para pensar a questão interdisciplinar na construção dos currículos de Teoria da Comunicação.

A apresentação do campo da comunicação como “interdisciplinar” parece ser quase um consenso entre as pesquisas na área. Torna-se, portanto, necessário entender um pouco melhor essa definição presente em várias discussões sobre a validade teórica e os limites epistemológicos da Comunicação.

O estudo dos programas sugere que a maior parte dos trabalhos clássicos usados como “teoria da comunicação” foram escritos por pessoas oriundas de outros campos. A produção de textos sobre comunicação é subsidiária de métodos, teorias e conceitos de



outros campos de conhecimento, sobretudo das ciências sociais. Em um estudo sobre os últimos cinquenta anos de pesquisa em Comunicação nos Estados Unidos, Bryant e Miron (2004:665) constata, com ampla base empírica, que “uma considerável porção das teorias da comunicação utilizadas na pesquisa são derivadas da psicologia e da sociologia, com importantes contribuições do direito e da política”.

É possível argumentar, de saída, que essa articulação múltipla de saberes em Teoria da Comunicação de alguma maneira reflete as condições interdisciplinares da própria área de Comunicação, conforme apontada por vários autores (Cf. Ferrara, 2008; Barbosa, 2002). Se a Comunicação pode ser definida como uma área de cruzamento de saberes em torno de um grupo de objetos, é talvez coerente que a disciplina na qual essas discussões são o ponto central também de alguma maneira reproduza essa interdisciplinaridade.

Se é possível pensar a existência de uma ciência também como espaço discursivo, a formação de um corpo doutrinário significa o estabelecimento, mais ou menos consensual, das falas legítimas dentro dele, dos autores que serão acatados como passíveis de discussão – as “linhagens” e “percursos” da área da comunicação (Martino, L. C., 2005; Ferreira, 2007).

A hegemonia de teorias, escolas e autores estrangeiros é clara. Pode ser justificada do ponto de vista da própria história da Teoria da Comunicação, vinda da Europa e dos Estados Unidos por conta do desenvolvimento em larga escala dos meios de comunicação de massa, uma das fontes do moderno pensamento sobre o tema, algo notado até mesmo por pesquisadores europeus e asiáticos (Roach, 2007; Miike, 2007; Gordon, 2007).

Essa disparidade entre o que é ou deixa de ser pertencente à “teoria da comunicação”, seja como disciplina, seja como campo do conhecimento, área do saber ou qual outro nome se utilize é a parte mais externa do problema. Trata-se de encontrar um estatuto epistemológico *a partir* do qual seria possível identificar o princípio de uma teoria *da comunicação*.

4. Interrogações finais

O que é, de fato, uma teoria *da comunicação*? A julgar pela pluralidade de autores, escolas, conceitos e teorias incluídos nos programas, há uma séria indefinição a respeito das fronteiras entre o que é um estudo de comunicação. Nota-se a aplicação de



teorias sociológicas, psicológicas, antropológicas, filosóficas e mesmo matemáticas ao estudo da comunicação. Haveria, nesse caso, uma teoria *da comunicação* ou teorias *aplicadas à comunicação*?

Essa discussão parece ser o elo entre o ensino de Teoria da Comunicação e as questões epistemológicas da área. Nesse caso, a pertinência ou não de uma escola ou teoria estaria ligada diretamente ao que se entende por “comunicação”: uma determinada concepção invalidaria, de imediato, algumas tantas teorias (Scolari, 2008). Por outro lado, se é possível entender a Comunicação como uma área de convergência de saberes, essa pluralidade mostra as possibilidades de compreensão do fenômeno comunicacional em suas diversas vertentes (Martins, 2006).

Isso remete à questão da autonomia e existência do campo – à “fraqueza do estatuto teórico da comunicação como novo espaço de conhecimento” (Mattos, 2005:55). A dimensão acadêmica de um campo do conhecimento objetiva-se, entre outras coisas, na produção de um corpo doutrinário próprio, decorrente das pesquisas específicas na área. É preciso lembrar que

as teorias das áreas vizinhas, mesmo quando tratam diretamente de comunicação, o fazem com atribuição de maior relevância a questões habituais da área própria, perante as quais os fenômenos comunicacionais são coadjuvantes – o que não ajuda no esforço de desentranhamento do “objeto comunicacional” e das questões pertinentes para o campo (Braga, 2007:26).

Dessa maneira, quanto maior a auto-referência doutrinária, maior o grau de autonomia relativa de um campo, argumenta Lovisolo (2002). Como ficaria, então, a situação paradoxal do campo da comunicação, que se apresenta como um campo interdisciplinar. Como afirma Fuentes Navarro (1999:114), a “multiplicação de propostas de reformulação teórica e prática dos estudos de comunicação” indica uma “insatisfação generalizada” com a situação da área. Aos olhos de um crítico apressado, esse tipo de definição mostraria uma contradição nos termos, a saber, a enunciação da falência do campo ocorre em sua própria definição.

Observações pontuais auxiliam a pensar esta questão:

Nota-se a presença de uma espécie de um cânone mínimo englobando cerca de dez “teorias” ou “escolas teóricas”, assim como dez obras de referência. Para além desse limite, o índice de dispersão é considerável, mostrando um dissenso sobre o que pode ser incluído em “teoria da comunicação”, algo observado em pesquisas anteriores (Peruzzo, 2002; Martino, L. M., 2008; 2009). O baixo grau de coincidência sugere ao



mesmo tempo uma área de abrangência muito grande e a inexistência de limites claros, o que remete à terceira consideração.

Em termos do que seria uma “grande teoria”, o campo não parece ter incorporado ao ensino nada posterior a 1987, com a publicação de *De los medios a las mediaciones*, marco inicial da “Teoria das Mediações”. A exceção é o grupo de títulos e autores sobre Internet em suas modalidades – cultura de rede, cibercultura, redes virtuais, etc.

Cabe observar a apropriação e permanência da “Escola de Frankfurt” pelo discurso da Teoria da Comunicação, fato constatado em pesquisas diversas nos últimos anos (Rüdiger, 1998; Rodrigues, 2009).

Um último aspecto leva em conta a formação docente: a amplitude do espectro de teorias apresentadas nos programas parece exigir de quem leciona Teoria da Comunicação um repertório apto a transitar por diversas áreas do saber, atravessando espaços da Filosofia, Ciências Sociais, Política e Letras, para não mencionar a Semiótica, o necessário conhecimento de História e mesmo de Lógica Matemática necessários para dar conta dos pontos do programa.

Gostaria de terminar retomando a pergunta do início: qual teoria da comunicação está sendo levada para as salas de aula? A pesquisa dos 31 programas de ensino sugere que existe um “núcleo central” constituído de cinco ou seis teorias, cercado por um oceano de diversidade. O desafio, para docentes, pesquisadores e, por que não, alunos, está na articulação desses conteúdos com a experiência cotidiana, transformada em uma prática significativa nos estudos de comunicação.

Referências

- ALBUQUERQUE, A. Os desafios epistemológicos da comunicação mediada por computador. *Revista Fronteiras*. Vol. IV, n.2, Dezembro 2002.
- BARBOSA, M. Paradigmas de construção do campo comunicacional. In: Hohfeld, A. *et alli. Tensões e Objetos da Pesquisa em Comunicação*. Porto Alegre, Sulina, 2002.
- BONIN, J. A. Elementos para pensar a formação e o ensino em teorias da comunicação. **Revista Conexão – Comunicação e Cultura**, UCS, Caxias do Sul, v. 4, n. 8, p. 61-68, jul./dez. 2005
- BRAGA, J. L. Comunicação, disciplina indiciária”. Trabalho apresentado ao GT Epistemologia da Comunicação, do XVI Encontro da Compós, na UTP, em Curitiba, PR, em junho de 2007.
- BRAGA, J. L. Os estudos de interface como espaço de construção do Campo da Comunicação. Trabalho apresentado ao GT Epistemologia da Comunicação, do XIII Encontro da Compós, em junho de 2004.



- BRYANT, J. e MIRON, D. Theory and Research in Mass Communication. **Journal of Communication**. December 2004/Vol. 54 no. 4, p.665.
- COSTA, R. *et alli*. **Teoria da Comunicação na América Latina**. Curitiba: UFPR, 2006.
- FELINTO, E. Patologias no sistema da comunicação: ou o que fazer quando seu objeto desaparece. In: FERREIRA, G. e MARTINO, L. C. **Teorias da Comunicação**. Salvador: Ed. UFBA, 2007.
- FERREIRA, G. M. et alli (orgs.). **Teorias da comunicação: trajetórias investigativas**. Porto Alegre: EdIPUCRS, 2010.
- FERREIRA, J. Campo acadêmico e epistemologia da comunicação. In. LEMOS, A. *et alli*. (orgs). **Mídia.br**. Porto Alegre: Sulina, 2003.
- FERREIRA, J. Questões e linhagens na *construção* do campo epistemológico da comunicação. In: FERREIRA, J. et alli. **Cenários, teorias e epistemologias da comunicação**. Rio de Janeiro: E-Papers, 2007.
- FRANÇA, V. Paradigmas da Comunicação: conhecer o quê?. In: MOTTA, Luiz Gonzaga; FRANÇA, V., PAIVA, R. e WEBER, M. H. (orgs.) **Estratégias e culturas da comunicação**. Brasília: Editora UnB, 2001.
- FUENTES NAVARRO, R. La investigación de la comunicación en América Latina. *Comunicación y Sociedad*. Guadalajara, Universidad de Guadalajara, no. 36, Julio-Diciembre 1999, p. 114.
- GORDON, R. “Beyond the Failures of Western Communication Theory”. *Journal of Multicultural Studies*. Vol. 22, No. 2, Novembro 2007 , páginas 89 - 107
- LIMA, V. Profissões e formação teórica em comunicação. *Intercom*. No. 62/63, 1991.
- LIMA, V. Repensando as teorias da comunicação. In: MELO, J. M. **Teoria e pesquisa em comunicação**. São Paulo: Intercom/Cortez, 1983, p. 86.
- LOVISOLO, H. Epistemologia prática do campo da Comunicação. Trabalho apresentado ao GT Epistemologia da Comunicação, do XII Encontro da Compós, UFRJ, Rio de Janeiro: em junho de 2002.
- MARTINO, L. C. Apontamentos epistemológicos sobre a fundação e a fundamentação do campo comunicacional. In: CAPPARELLI, S. *et alli*. **A Comunicação Revisitada**. Porto Alegre: Sulina, 2005.
- MARTINO, L. C. Interdisciplinaridade e Objeto de Estudos da Comunicação. In. FAUSTO NETO, A. *et alli*. **O Campo da Comunicação**. João Pessoa: UFPB, 2001.
- MARTINO, L. C. **Teorias da Comunicação: muitas ou poucas?** Cotia: Ateliê, 2007.
- MARTINO, L. M. A ilusão teórica no campo da comunicação. **Revista Famecos**, Vol. 36, no. 2, 2008.
- MARTINO, L. M. Quatro ambivalências na teoria da comunicação. Texto apresentado no GT Teorias da Comunicação no XXXII Congresso da Intercom. Curitiba, 3 a 6 de setembro de 2009.
- MARTINO, L. M. **Teoria da Comunicação**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- MARTINS, L. **Teorias da comunicação no século XX**. Brasília: Casa das Musas, 2005.
- MATTOS, M. A. Desafios da formação teórica em Comunicação Social no Cenário Contemporâneo. **Contemporânea**, no. 5, vol. 2, 2005.
- MIIKE, Y. Asian Contributions to Communication Theory **Media Research**, 3(4), 2007.
- MORAGAS, M. Las ciencias de la comunicación en la ‘sociedad de la información’. **Revista Dia-Logos de la Comunicación**. No. 49, Outubro 1997, p. 32.



PERUZZO, C. M. K. “Em busca dos objetos de pesquisa em comunicação no Brasil”. In: WEBER, M. H.; BENTZ, I.; HOHLFELDT, A. **Tensões e Objetos da pesquisa em Comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

PINHEIRO, A. F. et alli. “A importância da percepção e da assimilação das teorias da Comunicação entre os estudantes de Jornalismo da UESPI – Universidade Estadual do Piauí”. Trabalho apresentado ao Intercom Júnior, no XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – UnB – 6 a 9 de setembro de 2006.

ROACH, C. Cultural imperialism and resistance in media theory. **Media Culture Society** 19; (47) 1997;

ROCHA, E. *A sociedade do sonho*. Rio de Janeiro, Mauad, 1995, p. 54.

RUSSI-DUARTE, P. Por que ensinar teorias (da comunicação)? Trabalho apresentado no GT Teorias da Comunicação durante o XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – UCS – 6 a 9 de setembro de 2010.

SANTAELLA, L. **Comunicação e Pesquisa**. São Paulo: Hacker, 2003.

SANTOS, T. C. Teorias da Comunicação: caminhos, buscas e intersecções. **Revista Famecos**. Porto Alegre, no. 28, dezembro 2005, p. 163.

TEMER, A. C. "Teorizar é pensar a prática: uma reflexão sobre o ensino das Teorias da Comunicação nos Cursos de Jornalismo". Texto apresentado no 10º Encontro Nacional de Professores de Jornalismo – Goiânia-GO – 27 a 30 de abril de 2007.